



CULTURA!

VIDA LONGA À FILOSOFIA

Zé Renato analisa as afirmações do médico português António Coutinho, para quem “filosofia não é ciência, porque nunca progride. (...)

O que é o objetivo da filosofia vai ser resolvido pela ciência, e a filosofia vai passar a história.”

Pág. C4

Dolce far niente

O escritor Vittorio Cecchinelli ilustra um dos mais deliciosos lemas da história

Pág. C2

‘O quarto do faraó’

Uma crônica do literato Rodrigo Martiniano Tardeli

Pág. C3

É o primeiro.

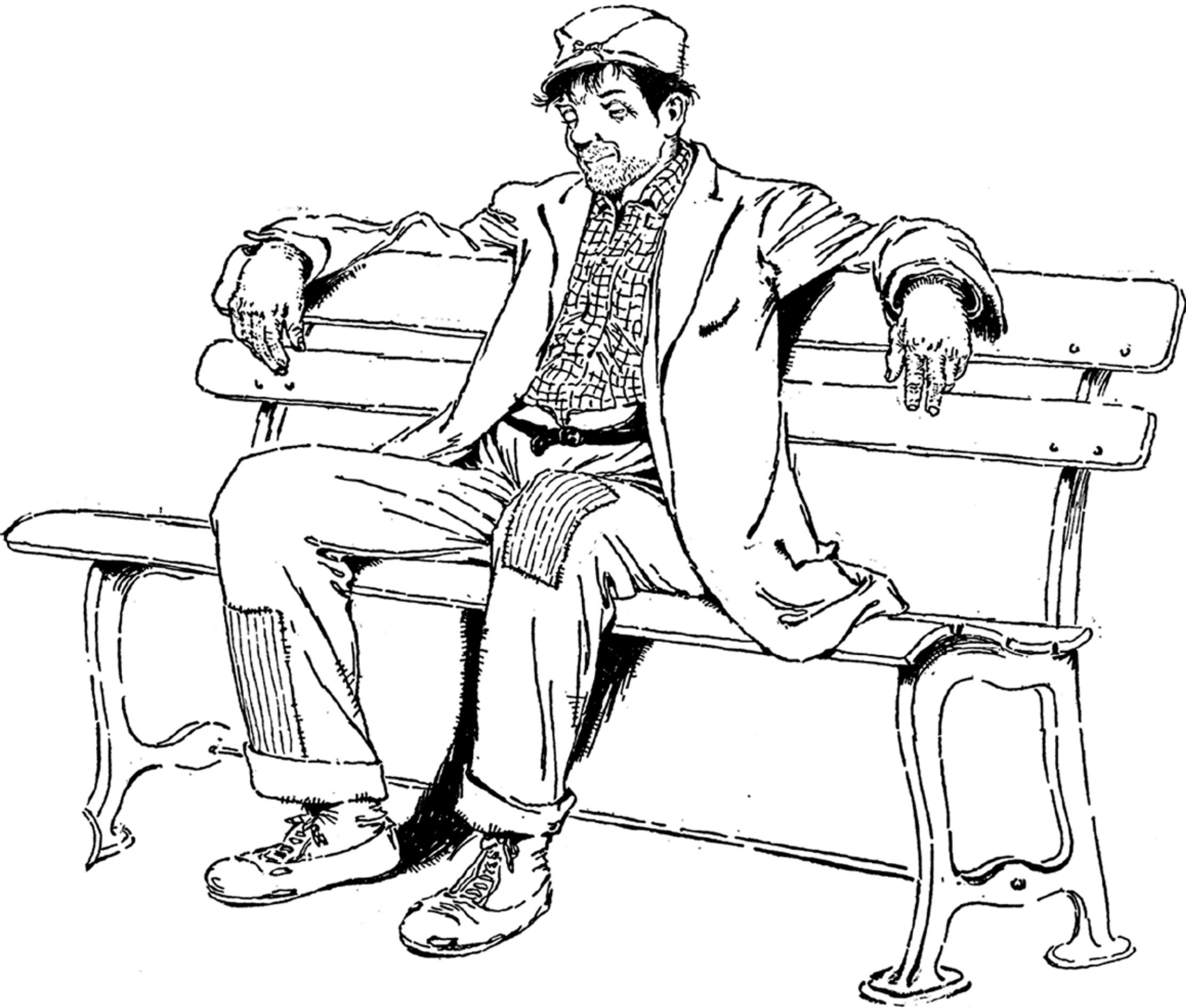
A partir de setembro, o *Cultura!* passa a ser publicado sempre no primeiro sábado de cada mês. Anote aí.

Nihil

Il dolce far niente, sabe tu:
É isso, só isso;
E niente più...

IL DOLCE FAR NIENTE

VITTORIO CECCHINELLI



*

VITTORIO CECCHINELLI, ESCRITOR,
AUTOR DE “FELIZ SÍSIFO”, DENTRE OUTROS,
É COLUNISTA DO “DIÁRIO DE ATILINGA”

Palavra



“Todos nós nascemos loucos. Alguns permanecem.”

SAMUEL BECKETT
NASCIDO EM DUBLIN, IRLANDA, EM 1906, O AUTOR DE “O INOMINÁVEL”,
“MOLLOY”, “FIM DE PARTIDA” E “ESPERANDO GODOT”,
DENTRE OUTROS, MORREU EM PARIS, FRANÇA, EM 1989.

Sam Beckett



Cultura! é uma publicação do jornal
O Extra.net, concebida por O. A. Secatto
com o apoio da Confraria da Crônica.

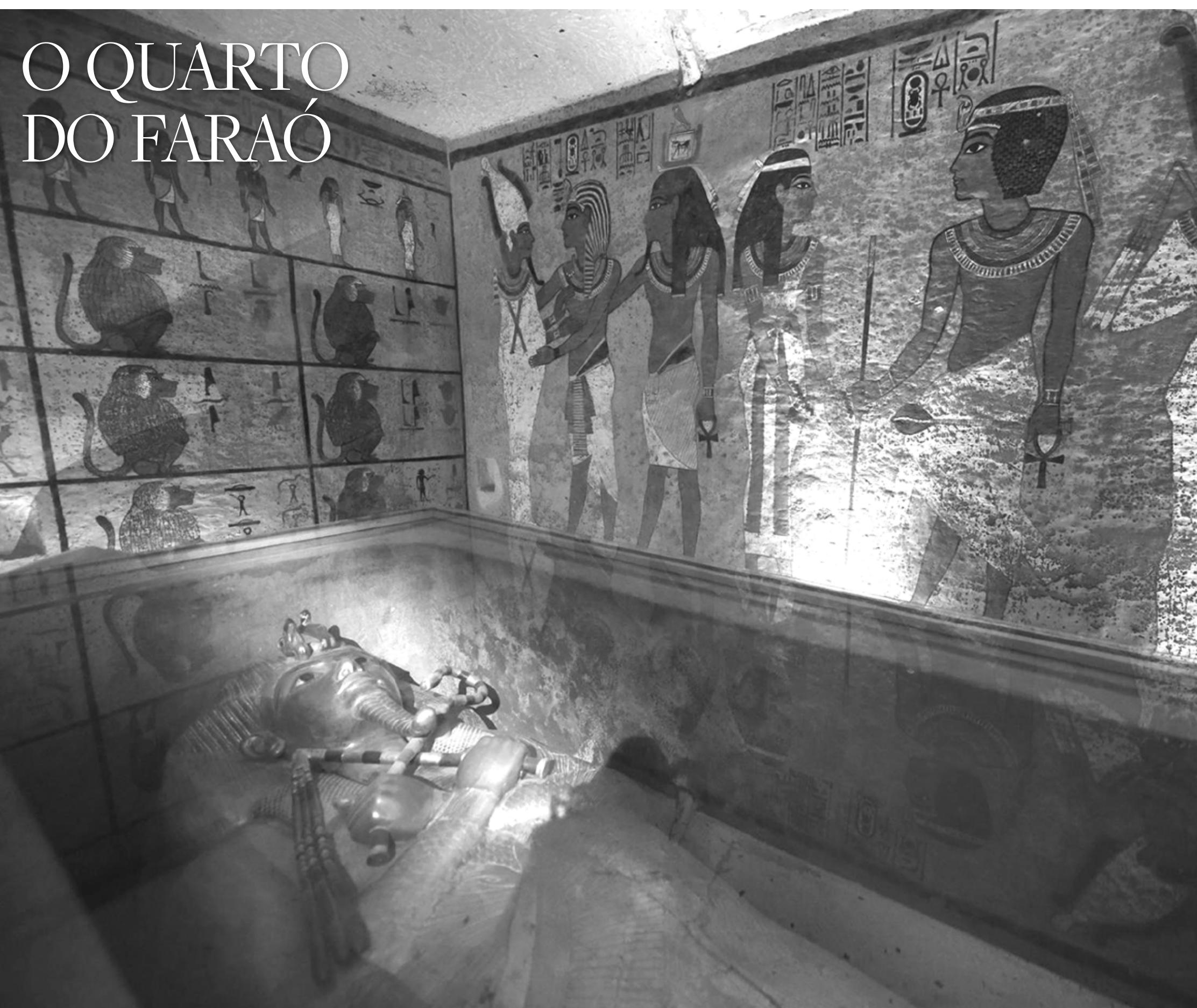
EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Arte: ARISTIDE MACHADO
Foto: Getty Images

Crônica

Com a difusão do helenismo, das filosofias, Ptolomeu fez com que os egípcios tivessem novas reflexões sobre seus deuses

O QUARTO DO FARAO



RODRIGO MARTINIANO TARDELI

Quando o grande Alexandre da Macedônia morreu, Ptolomeu, o maior deles, iniciou seu reinado no Egito, fundando a dinastia dos Lágidas. Em 305 a.C. assumiu os títulos faraônicos, dando continuação às dinastias iniciadas mais de 2.900 anos antes.

Ptolomeu I, o Salvador. O Faraó. Sabiamente, não extinguiu os cultos antigos, mas fomentou-os e incrementou o panteão das divindades. Com a difusão do helenismo, das filosofias, fez com que os egípcios tivessem novas reflexões sobre seus deuses. Mais do que promover o sincretismo com o Olimpo, Ptolomeu e seus sucessores introduziram bibliotecas, templos, santuários, escolas de ciências e religião pelo Alto e pelo Baixo Egito. A força do poderoso Sobek ganhou dimensões filosóficas! O poder do senhor Rá, que nasce e morre diariamente, ganhou novas formas e nomes. A atividade do senhor Osíris e do senhor Anúbis foram nova e exaustivamente explicadas e compreendidas. As senhoras Néftis, Sekhmet, Ísis, Nekhbet e Bastet são supremamente reverenciadas. Incenso ao senhor Ptah! Ptah... Ptah!

Eu estava no quarto do Faraó. Eu era o Faraó? As paredes eram de um estranho vermelho texturado. Nos frisos ocres, as tradicionais figuras dos egípcios em suas atividades cotidianas se acumulavam. A cama, com dossel, não era confortável.

Havia escadas, lavatórios e um painel sobre a cama representando o banho de uma rainha. Lembro-me de que ela estava com uma túnica azul. E eu, com que roupa estava? Não era um Balenciaga, definitivamente.

E havia um cheiro. Bem verdade é que havia alguns cheiros no quarto do Faraó. E sempre fui ligado a cheiros. Sempre. Mas nem todos os aromas daquele quarto eram agradáveis. Havia uma atmosfera opressiva e artificial.

Na cama, deitado, pude perceber uma presença naquele quarto. A presença se tornou mais intensa por causa de seu cheiro. Cheiro de noite.

Desses que desejamos que nunca acabem. Oh, éteres inefáveis!

O que era aquilo? Uma divindade? Talvez fosse a teofania da senhora Ma'at, a mais de-

sejada. A Justiça, a Retidão, a Verdade, a Ordem. Ela veio me trazer a ordem: leve como uma pluma, sábia como uma velha, dura como o ankh. Derramei-lhe incenso e canções. Implorei-lhe atenção e bênção. Ganhei um sem-número de palavras duras, porém gigantescamente verdadeiras. Ma'at não mente jamais. Ela não é Set. Jamais seria semelhante a ele. O cheiro, o beijo, o toque, as palavras. Tem momentos, por duros e realistas, que deveriam durar para sempre, assim como o cheiro da aparição. Cheiro de noite.

Por que aquelas palavras? Por que a retidão e a ordem têm de ser cruéis? Por que o sonho, como o cheiro, não pode ser eterno?

A aparição veio sobre mim. Com uma força descontrolada me beijou e me seduziu. Tosses denunciavam que ela era mais real do que um sonho. Mais tangível que um cheiro. Mais desconcertante que um tapa.

Quando pousei minhas mãos sobre sua cabeça linda, de uma perfeição impossível de descrever, resolvi, como sacerdote que sou, ou era, invocar uma divindade. Observando bem aquela visão, iria invocar o senhor Sobek, toda a força nilótica. Mas meus lábios não pronunciaram as palavras. Mas a força era realmente óbvia e indiscutível. Uma louvação a Ptah,

então. A invocação do supremo artífice não se formou. O que acontecia? Não tinha a menor das dúvidas que se tratava de uma divindade poderosa.

Ao inalar novamente o cheiro arrebatador, sentir a alva pele colorida entre meus dedos, com verdes, azuis e vermelhos mágicos, tudo era mágico! Uma sílaba começou a se formar nos meus lábios repletos daquela pele. A invocação chegou! E o êxtase foi suplantado pelo medo, pelo horror.

“Oh, meu Nefer-nefru, o mais belo de todos os belos, / Eu o nomeio Apep, que é Apófis, o temido senhor do Caos! / Tu que és o Terror das Doze Casas do Du'at! / Tu que és a Grande Serpente das Trevas, o Odiado! / Eu o invoco! Eu o nomeio!”

Eu estava em intimidade com lorde Apófis! A ordem não era ordem, era o caos. Mas o caos não é necessariamente

mal. Apófis veio me mostrar que a minha ordem não era correta. Veio purgar minha existência de uma ilusão de valores plastificados e inócuos. Veio botar tudo abaixo, tudo, tudo mesmo. Veio despertar sensações extintas. Veio, antes de tudo, ensinar o professor orgulhoso. Veio aplauniar os caminhos para que se construa algo de verdadeiro.

Quebre tudo, senhor Apófis! E repete tua visita nos meus domínios, no meu quarto. Ensina-me a sentir, a viver, a te amar.

Que quarto estranho!

*

RODRIGO MARTINIANO TARDELI,
FORMADO EM DIREITO PELA UNESP,
É PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NAS
ÁREAS DE DIREITO CIVIL E HISTÓRIA
DO DIREITO PELA UNINOVE



Literato.

O Professor Rodrigo Martiniano Tardeli

Ciência?

“Nunca a Filosofia teve a petulância de se intitular maior que as Ciências. Sempre as tratou com respeito, no entanto, apresentando diferentes abordagens de um mesmo problema. Ninguém é maior ou menor. Somente diferentes.”

ZÉ RENATO

“Éter na mente, é ter na mente, eternamente, éter na mente.”

Walter Franco

No século XIX, no seu final, Nietzsche produziu um belíssimo aforismo — aqui no Brasil, publicado como apêndice da obra *Genealogia da Moral* — conhecido como “A Morte de Deus”.

Muito citado, pouquíssimo lido, mais incompreendido ainda, o texto fala em tom quase profético — perdoem-me a hipérbole provocativa — de morte. Todavia, não de Deus, da razão.

A razão, símbolo da elucidação, do esclarecimento, da luz contra as trevas. Luz do renascimento das ciências e das artes, da separação legítima de Filosofia e Teologia, à qual a primeira esteve presa durante a Idade Média e o domínio da Igreja Católica. Desvelo da dicotomia entre fé e razão, ciência e religião. Instrumento de debate e reflexão, enfim, da dialética.

Essa separação começa a se constituir na modernidade com Descartes. O filósofo francês retoma Platão, Parmênides de Eleia, por exemplo.

Logo após, Francis Bacon publica o *Novum Organum*, obra com a qual recupera os princípios iniciados por Aristóteles — a partir do qual o filósofo inglês, John Locke e David Hume elidiram os princípios do empirismo.

Um rico debate entre os defensores do racionalismo — “A razão é a capacidade de distinguir o verdadeiro do falso” (Descartes) — e os apologistas do empirismo — “O conhecimento provém da experiência” (Locke).

Coube ao germânico Kant apartear a contenda, por meio da fundamental *Critica da Razão Pura*, de 1781. Na obra citada, o filósofo afirma não se tratar nem do racionalismo, muito menos do empirismo. Todavia, de ambos. Isto é, para ele o conhecimento provém da experiência, sim, porém, é aprendido por nossa razão; logo, passa a fazer parte de nosso repertório, que trazemos *a priori*. Somado ao seguinte, obtido por meio da experiência, que dizer, *a posteriori*.

Pronto!

Rico debate.

Ninguém matou, ninguém morreu.

Não havia petralhas, coxinhas e bolsomônios. Havia intelectuais. Gente disposta a aprender. Para isso, sabiam — de sábios — OUVIR, PENSAR, REFLETIR, DISCUTIR. Sem agressões e desconsiderações baixas.

Perdoem-me a pequena desviação. Era necessário.

Volto ao tema.

O idealismo de Kant encorpou-se de Schelling, Fichte e finalmente Hegel. Pronto, estava edificada a Filosofia Clássica Alemã.

Hegel construiu uma obra cuja riqueza se fez constatar rapidamente: jovens hegelianos passaram a difundi-la.

Outro germânico — Marx — passou a estudá-la. No entanto, refletiu-a inversamente — nos dizeres de Engels: “Recolocou a cabeça sobre seus pés” —, que dizer, se para Hegel “o racional é real”, para Marx e Engels “o real é racional”.

Dito em outras palavras: para o idealismo, a ideia constrói a realidade. Os materialistas, ao contrário, defendem a tese que é a realidade que produz a ideia.

Insisto: debate. Dialética. Razão.

No mesmo século XIX, Auguste Comte, francês, apresentou sua Filosofia Positiva, sob o argumento de que “as demais eram negativistas”. Em nome do princípio da “manutenção da ordem e do progresso”, elidiu um pensamento, resumidamente, pautado na ideia de que as ciências redimiriam o mundo das mazelas provocadas pelos devaneios.

O Positivismo impregnou o mundo.

No Brasil não foi diferente. O lema “Ordem e Progresso” que consta na bandeira brasileira foi posto no período republicano, portanto, posterior a sua confecção, em face da influência do pensamento de Comte.

Evidente, não estou a menosprezar a obra de Comte. Nem tenho poder para isso. No entanto, permito-me discordar com veemência.



A CRISE DA RAZÃO OU PIADA DE PORTUGUÊS

Em nome da Ciência e do Progresso, quantas atrocidades não se cometem e se cometem?

O que é o progresso?

Desenvolvimento científico e tecnológico?

Para quantos?

Qual o custo em vidas desse tal desenvolvimento?

Não deve haver um balizamento ético?

Que pode trazer esse parâmetro?

Ocupei-me com a reflexão exposta, em face de entrevista lida na *Folha de S. Paulo*, em junho, concedida pelo médico português Antônio Coutinho, responsável por um instituto considerado de ponta.

Óbvio, disse maravilhas da ciência.

Emendou o seguinte comentário: “Por isso filosofia não é ciência, porque nunca progride. Eu tenho o maior respeito pelos filósofos, porque o objetivo da filosofia é o mesmo que o da ciência: explicar o mundo e a nós próprios. Agora, nós temos um bom processo e eles não têm, portanto estão fadados a desaparecer. O que é o objetivo da filosofia vai ser resolvido pela ciência, e a filosofia vai passar a história.”

Primeiro: a Filosofia desde a modernidade começou o divórcio com a ciência. A separação consensual ocorreu com o Iluminismo. Muito embora Galileu, ao construir o método científico, já tivesse apresentado o pedido.

Não sei, confesso, o que quer dizer com “nós temos um bom processo”? Não estará o médico português rendendo-se aos “encantos” de Comte?

O “objetivo da Filosofia” é por demais subjetivo, na medida em que falamos em Filosofias, são vários os filósofos. Cada qual tem a sua.

A Filosofia já está na história: é o saber que deu origem a todos os saberes e ciências existentes. No Ocidente e no Oriente.

A Ciência está a busca da resposta de uma reflexão filosófica, feita na Grécia Clássica, pelos primeiros filósofos: “Quais são as causas primeiras do universo?”

Nunca a Filosofia teve a petulância de se intitular maior que as Ciências. Sempre as tratou com respeito, no entanto, apresentando diferentes abordagens de um mesmo problema.

Ninguém é maior ou menor. Somente diferentes.

Sobre a singularidade das ciências naturais em relação a outras formas de ser e de estar no mundo — como perguntam os jornalistas Alberto Nóbrega e Cristina Caldas, diz o cientista: “O exercício de derivar, racionalmente, as leis fundamentais que organizam o mundo. Se descobrimos essas leis, sabemos como o mundo funciona e como nós próprios fun-

cionamos. Eu acho que a singularidade está totalmente baseada na racionalidade, e isso é muito novo. Em geral, a humanidade tentou de forma predominante perceber as coisas ou pela mágica, ou pela religião.”

Quem começou a buscar essas leis? Os filósofos gregos clássicos no Ocidente.

Chineses e hindus faziam-na no Oriente.

Afirmar somente a “racionalidade” é cometer grave erro, a meu ver. Ignorar a percepção?

Também devemos jogar no lixo a Psicologia? E a percepção por meio da Estética?

Ao concluir o parágrafo dizendo que “a humanidade tentou de forma predominante perceber as coisas ou pela mágica, ou pela religião”, é no mínimo preconceituoso, talvez ignorante.

Os filósofos não apresentaram propostas? Sim, proposições, não dogmas.

Filosofia e religião são a mesma coisa? Talvez minha capacidade cognitiva tenha me traído.

Filosofia não é magia! É pensamento rigoroso.

Esse tom jocoso e até debochado do patrício fez-me recordar de Karl Jaspers: “A filosofia entreve os critérios últimos, a abóbada celeste das possibilidades e procura, à

luz do aparentemente impossível, a via pela qual o homem poderá enobrecer-se em sua existência empírica. A filosofia se dirige ao indivíduo. Dá lugar à livre comunidade dos

que, movidos pelo desejo de verdade, confiam uns nos outros. Quem se dedica a filosofar

gostaria de ser admitido nessa comunidade. Ela está sempre neste mundo, mas não poderia fazer-se instituição sob pena de sacrificar a liberdade de sua verdade. O filósofo não pode saber se integra a comunidade. Não há instância que

decida admiti-lo ou recusá-lo. E o filósofo deseja, pelo pensamento, viver de forma tal que a aceitação seja, em princípio, possível. Mas como

se põe o mundo em relação com a filosofia? Há cátedras de filosofia nas universidades. Atualmente, re-

presentam uma posição

embaraçosa. Por força da tradição a filo-

sofia é polidamente respeitada, mas, no fundo, objeto de desprezo. A opinião corrente é a de que a filosofia nada tem a dizer e carece de qualquer utilidade prática. É nomeada em público, mas existirá realmente? Sua existência se prova, quando menos, pelas medidas de defesa a que dá lugar. A oposição se traduz em fórmulas como: a filosofia é demasiado complexa; não a compreendo; está além de meu alcance; não tenho vocação para ela; e, portanto, não me diz respeito. Ora, isso equivale a dizer: é inútil o interesse pelas questões fundamentais da vida; cabe abster-se de pensar no plano geral para mergulhar, através de trabalho conscientioso, num capítulo qualquer de atividade prática ou intelectual; quanto ao resto, bastará ter “opiniões” e contentar-se com elas. A polêmica torna-se encarniçada. Um instinto vital, ignorado de si mesmo, odeia a filosofia. Ela

é perigosa. Se eu a compreendesse, teria de alterar minha vida. Adquiriria outro estado de espírito, veria as coisas a uma claridade insólita, teria de rever meus juízos. Melhor é não pensar filosoficamente. E surgem os detratores, que

desejam substituir a obsoleta filosofia por algo de novo e totalmente diverso. Ela é desprezada como produto final e mendaz de uma teologia falida. A insensatez das proposições dos filósofos é ironizada. E a filosofia vê-se denunciada

como instrumento servil de poderes políticos e outros muitos políticos veem facilitado seu nefasto trabalho pela ausência da filosofia. Masse e funcionários são mais fáceis de manipular quando não pensam, mas tão somente usam de uma inteligência de rebanho. É preciso impedir

que os homens se tornem sensatos. Mais vale, portanto, que a filosofia seja vista como algo entediante.”

A morte prenunciada por Nietzsche é a morte da razão esclarecida, do desvelamento, da elucidação, em nome do fundamentalismo, da produção de

dogmas em detrimento do debate. É o tempo “profetização” das verdades definitivas.

O cientista português não parece um exemplo disso?

A morte prenunciada por Nietzsche é a morte da razão esclarecida em nome do fundamentalismo, da produção de dogmas em detrimento do debate

que, movidos pelo desejo de verdade, confiam uns nos outros. Quem se dedica a filosofar

gostaria de ser admitido nessa comunidade. Ela está sempre neste mundo, mas não poderia fazer-se instituição sob pena de sacrificar a liberdade de sua verdade. O filósofo não pode saber se integra a comunidade. Não há instância que

decida admiti-lo ou recusá-lo. E o filósofo deseja, pelo pensamento, viver de forma tal que a aceitação seja, em princípio, possível. Mas como

se põe o mundo em relação com a filosofia? Há cátedras de filosofia nas universidades. Atualmente, re-

presentam uma posição

embaraçosa. Por força da tradição a filo-

sofia é polidamente respeitada, mas, no fundo, objeto de desprezo. A opinião corrente é a de que a filosofia nada tem a dizer e carece de qualquer utilidade prática. É nomeada em público, mas existirá realmente? Sua existência se prova, quando menos, pelas medidas de defesa a que dá lugar. A oposição se traduz em fórmulas como: a filosofia é demasiado complexa; não a compreendo; está além de meu alcance; não tenho vocação para ela; e, portanto, não me diz respeito. Ora, isso equivale a dizer: é inútil o interesse pelas questões fundamentais da vida; cabe abster-se de pensar no plano geral para mergulhar, através de trabalho conscientioso, num capítulo qualquer de atividade prática ou intelectual; quanto ao resto, bastará ter “opiniões” e contentar-se com elas. A polêmica torna-se encarniçada. Um instinto vital, ignorado de si mesmo, odeia a filosofia. Ela

é perigosa. Se eu a compreendesse, teria de alterar minha vida. Adquiriria outro estado de espírito, veria as coisas a uma claridade insólita, teria de rever meus juízos. Melhor é não pensar filosoficamente. E surgem os detratores, que

desejam substituir a obsoleta filosofia por algo de novo e totalmente diverso. Ela é desprezada como produto final e mendaz de uma teologia falida. A insensatez das proposições dos filósofos é ironizada. E a filosofia vê-se denunciada

como instrumento servil de poderes políticos e outros muitos políticos veem facilitado seu nefasto trabalho pela ausência da filosofia. Masse e funcionários são mais fáceis de manipular quando não pensam, mas tão somente usam de uma inteligência de rebanho. É preciso impedir

que os homens se tornem sensatos. Mais vale, portanto, que a filosofia seja vista como algo entediante.”

A morte prenunciada por Nietzsche é a morte da razão esclarecida, do desvelamento, da elucidação, em nome do fundamentalismo, da produção de

dogmas em detrimento do debate. É o tempo “profetização” das verdades definitivas.

O cientista português não parece um exemplo disso?

A morte prenunciada por Nietzsche é a morte da razão esclarecida em nome do fundamentalismo, da produção de

dogmas em detrimento do debate

que, movidos pelo desejo de verdade, confiam uns nos outros. Quem se dedica a filosofar

gostaria de ser admitido nessa comunidade. Ela está sempre neste mundo, mas não poderia fazer-se instituição sob pena de sacrificar a liberdade de sua verdade. O filósofo não pode saber se integra a comunidade. Não há instância que

decida admiti-lo ou recusá-lo. E o filósofo deseja, pelo pensamento, viver de forma tal que a aceitação seja, em princípio, possível. Mas como

se põe o mundo em relação com a filosofia? Há cátedras de filosofia nas universidades. Atualmente, re-

presentam uma posição

embaraçosa. Por força da tradição a filo-

sofia é polidamente respeitada, mas, no fundo, objeto de desprezo. A opinião corrente é a de que a filosofia nada tem a dizer e carece de qualquer utilidade prática. É nomeada em público, mas existirá realmente? Sua existência se prova, quando menos, pelas medidas de defesa a que dá lugar. A oposição se traduz em fórmulas como: a filosofia é demasiado complexa; não a compreendo; está além de meu alcance; não tenho vocação para ela; e, portanto, não me diz respeito. Ora, isso equivale a dizer: é inútil o interesse pelas questões fundamentais da vida; cabe abster-se de pensar no plano geral para mergulhar, através de trabalho conscientioso, num capítulo qualquer de atividade prática ou intelectual; quanto ao resto, bastará ter “opiniões” e contentar-se com elas. A polêmica torna-se encarniçada. Um instinto vital, ignorado de si mesmo, odeia a filosofia. Ela

é perigosa. Se eu a compreendesse, teria de alterar minha vida. Adquiriria outro estado de espírito, veria as coisas a uma claridade insólita, teria de rever meus juízos. Melhor é não pensar filosoficamente. E surgem os detratores, que

desejam substituir a obsoleta filosofia por algo de novo e totalmente diverso. Ela é desprezada como produto final e mendaz de uma teologia falida. A insensatez das proposições dos filósofos é ironizada. E a filosofia vê-se denunciada

como instrumento servil de poderes políticos e outros muitos políticos veem facilitado seu nefasto trabalho pela ausência da filosofia. Masse e funcionários são mais fáceis de manipular quando não pensam, mas tão somente usam de uma inteligência de rebanho. É preciso impedir